

CONDICIONAMENTO MORFOLÓGICO EM FENÔMENOS FONOLÓGICOS VARIÁVEIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Luiz Carlos SCHWINDT

Doutor. Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
E-mail: schwindt@ufrgs.br

Resumo

Neste trabalho, retoma-se uma pergunta clássica em linguística: processos fonológicos variáveis podem acessar informações lexicais? Perseguindo a hipótese neogramática, segundo a qual regras fonológicas não estão sujeitas a condicionamento lexical, empreendemos um reexame quantitativo de três análises em que fatores morfológicos se mostraram como supostos condicionadores de variação fonológica: harmonia vocálica (ex. *perigo* ~ *pirigo*), cf. Schwindt (1995), redução da nasalidade de ditongos finais átonos (ex. *viagem* ~ *viagi*), cf. Schwindt e Bopp da Silva (2010), e vocalização da lateral pós-vocálica (ex. *maldade* ~ *mawdade*), cf. Collischonn e Quednau (2010). Os resultados apurados sugeriram a revisão da hipótese de acesso lexical por esses processos, sobretudo no que diz respeito à estrutura interna de palavras.

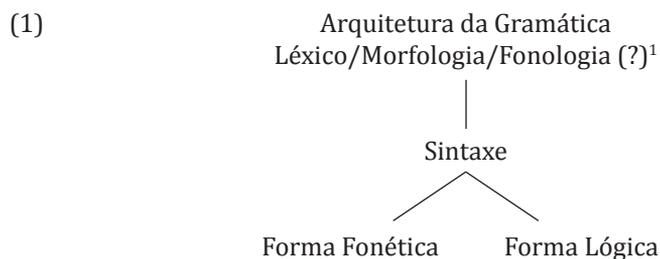
Palavras-chave

morfologia; fonologia; variação; hipótese neogramática; arquitetura da gramática

1. Introdução

As teorias linguísticas formalistas estabeleceram uma distinção entre fenômenos de natureza categórica e fenômenos de natureza variável. Apenas fenômenos categóricos diziam respeito à língua (na concepção saussuriana) ou à competência (na concepção chomskiana), ficando a variação relegada à fala ou à performance, respectivamente.

Nos modelos formalistas modulares/derivacionais, assumiu-se uma configuração unidirecional de gramática, conforme (1), de tal modo que cada componente era alimentado pelo componente precedente, sem, em princípio, retornar ao componente anterior para buscar qualquer tipo de informação.



No que respeita à mudança sonora, assumindo a visão neogramática, segundo a qual a mudança afeta gradualmente os sons e atinge o léxico de forma abrupta, as propostas teóricas de base gerativa relegaram fenômenos variáveis à superfície dos modelos, isto é, a um lugar onde não mais se previa acesso à morfologia.

Os estudos variacionistas, porém, encararam a heterogeneidade como propriedade do sistema (cf. Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]). Isso motivou a inclusão de variáveis morfológicas em grande parte das análises. Tais variáveis podem ser de diferentes naturezas: morfemas específicos caracterizando alvos ou gatilhos de processos, classes de palavras mais suscetíveis a determinados processos ou mesmo itens lexicais mais ou menos frequentes (cf. Coetzee, 2008).

Neste artigo, objetivamos contribuir para a discussão acerca da influência da morfologia sobre fenômenos fonológicos variáveis. A primeira pergunta que se coloca é *fatores morfológicos podem de fato atuar como motivadores de variação?* Se a resposta for afirmativa, uma outra pergunta surge: *que tipo de fator morfológico pode exercer essa influência (morfemas específicos, classe de palavra, item lexical – ou, ainda, frequência de uso)? ou algum desses tipos influencia mais? em que ordem?*

¹ Os primeiros modelos gerativos ignoraram a existência de um componente morfológico na gramática. Essa ideia só ganhou corpo a partir da hipótese lexicalista (Chomsky, 1970). Também a ideia de uma fonologia pré-sintática surgiu mais tarde: a partir da hipótese da Fonologia e Morfologia Lexicais (Kiparsky, 1982; Mohanan, 1982).

A resposta a essas perguntas pode dizer sobre a arquitetura da gramática: (i) se modular ou não-modular; (ii) se concebendo separação entre léxico / morfologia / fonologia; (iii) se concebendo uma morfologia pré ou pós-sintática.

No intuito de reabrir essa velha discussão, começamos pela tentativa de responder parcialmente à segunda pergunta. Procedemos, então, a um levantamento de análises em que condicionadores morfológicos foram considerados relevantes.

Realizamos, numa primeira etapa, um levantamento qualitativo em 17 trabalhos sobre diversos fenômenos fonológicos variáveis em português brasileiro e, considerando seus resultados relativos à motivação morfológica, chegamos à seguinte escala de acessibilidade da morfologia à variação.

- (2) Escala de acessibilidade à morfologia por fenômenos fonológicos variáveis (QUADROS & BARBA, 2009).

tipo de afixo > afixos específicos > posição > classe de palavra

Essa escala, paradoxalmente, coloca o acesso à estrutura mais interna da palavra acima de classe — o que vem de encontro, em princípio, aos modelos que consideram um desenho de gramática semelhante ao apresentado em (1). Esse paradoxo motivou a etapa seguinte da pesquisa, em que se observamos com maior acurácia variáveis envolvidas em três entre os estudos referidos, todos relativos a dialetos falados na região sul do Brasil:

(i) **harmonia vocálica – HV** (ex. *menino* ~ *m[i]nino*), dados de Schwindt (1995);

(ii) **redução da nasalidade de ditongos finais átonos – RN** (ex. *ontem* ~ *ont[i]*), dados de Schwindt & Bopp da Silva (2010);

(iii) **vocalização da lateral pós-vocálica – VL** (ex. *terrível* ~ *teríve[w]*), dados de Collischonn & Quednau (2010).²

O objetivo, nessa fase da pesquisa, foi problematizar a validade dos fatores morfológicos empregados nessas análises enquanto reais motivadores da variação.

Nas seções 2, 3 e 4, a seguir, apresentamos os resultados alcançados na reanálise de cada um desses fenômenos, na ordem em que os apresentamos acima; na seção 4, procuramos retomar as questões que apresentamos nessa introdução a partir dessas reanálises.

² Esta reanálise foi realizada com a importante contribuição das bolsistas de iniciação científica Camila Witt Ulrich (CNPq) e Thiely Andressa Schwingel (PIBIC-CNPq).

2. Harmonia vocálica

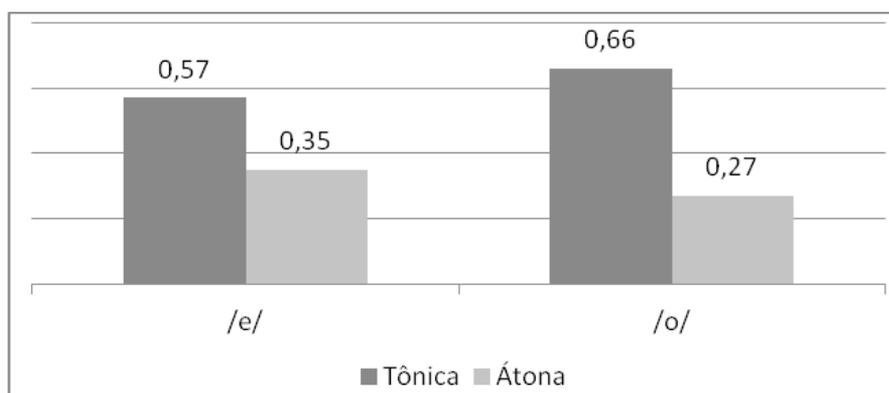
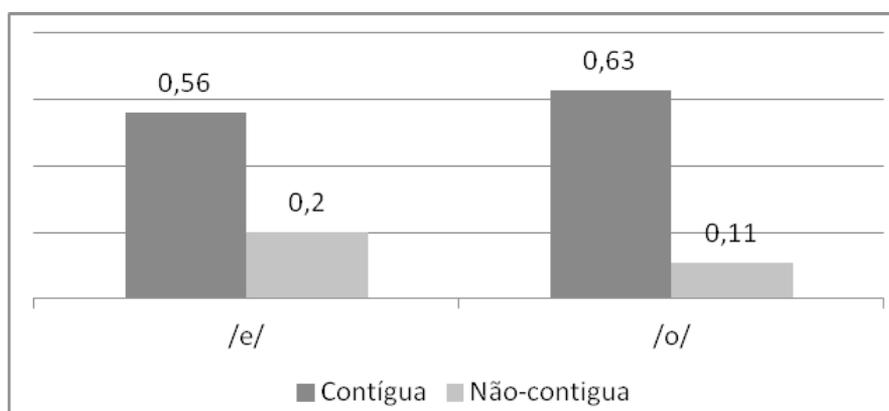
Em Schwindt (1995), constatou-se, à semelhança de Bisol (1981), que HV tem maior aplicação quando o gatilho do processo — a vogal alta — encontra-se em terminações verbais (ex. *d[u]rmi*) ou dentro da raiz (ex. *p[i]rigo*) do que em sufixos nominais.

(3) Contexto morfológico do gatilho da HV (Schwindt,1995)

Fatores	/e/		/o/	
	%	Ocorrências	%	Ocorrências
Sufixos verbais (<i>seguir</i>)	48	314/654	52	174/337
Dentro da raiz (<i>menino</i>)	36	769/2110	36	579/1600
Sufixos nominais (<i>modernice</i>)	26	57/221	13	24/183
Total	38	1140/2985	37	777/2120

Por outro lado, os estudos são unânimes em afirmar que se o gatilho de HV for contíguo à sílaba afetada, o processo tem maior força de aplicação. Essa força aumenta ainda mais se esse gatilho for tônico. Os efeitos separados de contiguidade e tonicidade, respectivamente, estão demonstrados nos gráficos apresentados em (4).

(4) Gráficos HV – contiguidade e tonicidade



Diante dessa constatação, reanalisamos os dados, a fim de explorar a hipótese de que a influência da HV viria, a rigor, da contiguidade e da tonicidade das vogais envolvidas e não do *locus* morfológico dessas vogais. A suspeita se baseia nas seguintes regularidades: (i) no caso dos verbos, na maior parte dos sufixos envolvidos, a vogal alta em questão é uma vogal temática, que, na maioria dos casos, é tônica; (ii) no caso da raiz, há grandes chances de a vogal alta envolvida ser contígua à sílaba afetada pelo processo, o que poderia ser um efeito muito mais de localidade fonológica do que de localidade morfológica.

Para verificar isso, recodificamos os dados, separando todos os sufixos envolvidos, e cruzamos esses resultados com as variáveis *contiguidade* e *tonicidade*.

Considerando os resultados obtidos para o alvo [e], observados os diversos potenciais condicionadores morfológicos, o cruzamento apontou para 60% de aplicação em contextos de vogal temática verbal contígua (ex. *si.gui.ríamos*) e 57% em contextos de vogal temática tônica (ex. *si.guimos*). Combinando-se, evidentemente, muitas vezes, essas duas propriedades no mesmo contexto.³

Em relação à aplicação com gatilho presente dentro da raiz, o cruzamento apontou para 41% de vogal-gatilho contígua (ex. *mininada*) e 48% de tônica (ex. *minin+o*). Aqui, também, propriedades muitas vezes combinadas.

No que concerne aos sufixos nominais, observou-se aplicação muito baixa: em torno de 8% para vogal-gatilho contígua (ex. *vilhice*) e 5% para vogal-gatilho tônica (ex. (ex. *mudernidade*). Constatou-se, ainda, certa resistência de aplicação com sufixos que são PWs independentes, como *inho* e *zinho* (ex. *corzinha*; não *curzinha*), confirmando a hipótese de que HV é um processo do domínio da palavra prosódica, isto é, que não se aplica se alvo e gatilho estiverem em palavras independentes.

Como pudemos ver, a julgar pelos dados aqui reexaminados, não se pode falar em qualquer evidência de acesso à morfologia interna da palavra por parte do processo de harmonia vocálica variável, podendo seu condicionamento explicar-se na base de restrições fonológicas, envolvendo contiguidade, tonicidade e, possivelmente, homorganicidade de alvo e gatilho.

3. Redução da nasalidade de ditongos finais átonos

Em Schwindt & Bopp da Silva (2010), à semelhança de Battisti (2002), verificou-se que a redução da nasalidade em ditongos finais átonos é preponderante em vocábulos terminados pelo sufixo *-(a)gem*⁴ e bastante reduzida em terminações verbais. A tabela em (5) traz esses resultados.

³ Restringimo-nos, neste ponto da exposição, aos dados do alvo [e], já que é ali que se acha a maioria dos verbos de terceira conjugação envolvidos na HV. O principal papel da variável *homorganicidade de alvo e gatilho* (se pares de anteriores ou pares de posteriores), aliás, está nesse âmbito.

⁴ Grafamos, aqui, a vogal inicial do sufixo *-(a)gem* entre parênteses, por não ser nosso objetivo discutir o *status* dessa vogal – se parte do sufixo, se elemento de ligação. Nosso intuito é apenas comparar o comportamento da terminação *gem* desse sufixo com a terminação equivalente da raiz sobre o fenômeno em questão e suas implicações fonológicas.

(5) Contexto morfológico do alvo de RN (Schwindt & Bopp da Silva, 2010)

Fatores	PR	%	Ocorrências
Nomes em <i>-(a)gem</i> (<i>camaradagem</i>)	0,81	68	119/174
Nomes (<i>homem</i>) ⁵	0,71	53	347/652
Verbos (<i>compraram</i>)	0,48	32	2678/8487
Total		34	3144/9313

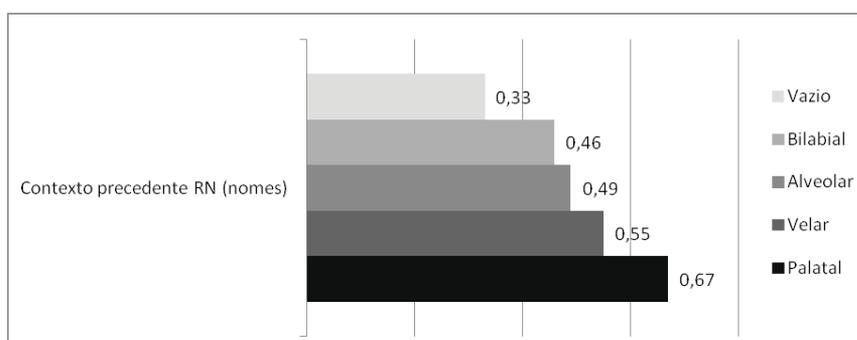
Para explicar a alta aplicação com o sufixo *-(a)gem*, entre outros argumentos, aventa-se a hipótese de reanálise da forma subjacente do sufixo, ou mesmo a de alomorfa, isto é, o léxico já poderia ter muitas das palavras portuguesas já configuradas com a terminação *(a)gi* em lugar de *(a)gem* (ex. *bobagi* em vez de *bobagem*) em seu inventário, ou mesmo operar com dois sufixos alternantes, *-(a)gem* e *-(a)gi*.

A explicação/hipótese para a baixa aplicação em verbos é bastante morfológica: terminações verbais, por carregarem informação flexional, seriam mais resistentes a apagamentos.

Mais uma vez suspeitando do condicionamento morfológico apriorístico, decidimos perseguir a hipótese de influência puramente fonológica (assimilatória ou fonotática).

Como a análise original da qual nos valemos contava com uma classificação muito ampla dos tipos de consoantes que podiam preceder o alvo da RN, optamos por recodificar esses dados, de forma a explorar com maior detalhe nossa hipótese.

(6) Ponto da consoante precedente para RN em nomes



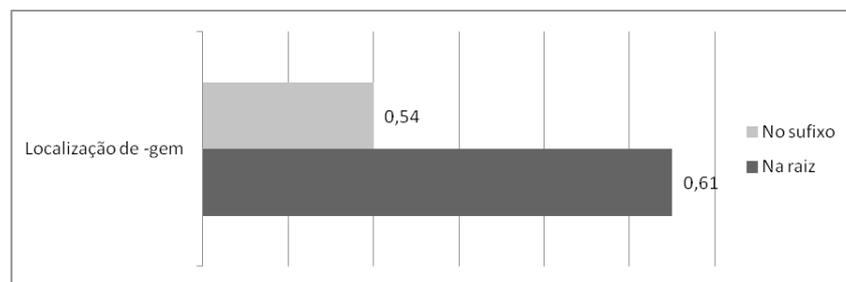
Esse resultado nos impôs um cruzamento com as categorias morfológicas apontadas na análise original.

De acordo com o cruzamento realizado, considerando a consoante precedente, observou-se que, nos nomes, a aplicação está concentrada em contextos de palatais (onde se localiza preponderantemente o sufixo *-(a)gem*) e em contexto de nasal (dada a recorrência da palavra *homem*).

⁵ É no grupo 'nomes' que se encontra a maior incidência de palavras repetidas (como *homem*, *viagem* etc.), o que pode estar sugerindo uma reanálise de natureza lexical neste caso.

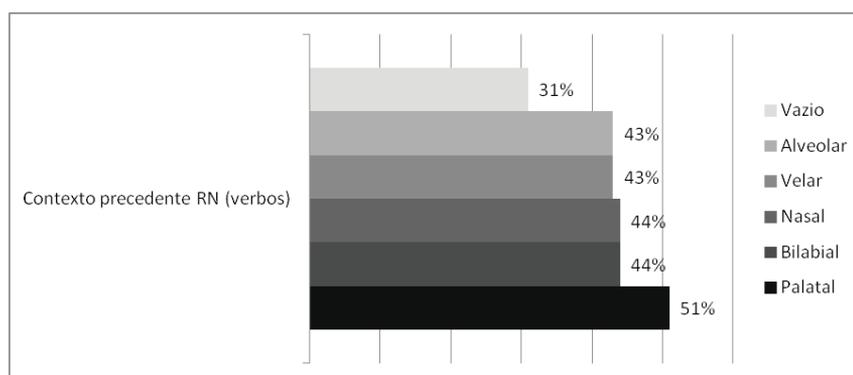
Em relação a *-(a)gem*, apenas para ratificar essa ideia, o que se viu foi que, independentemente de se tratar de um sufixo (*pilantragem*) ou de parte da raiz (*viagem*), a aplicação se equipara. É o que mostra o gráfico em (7).

(7) Comparação entre o peso para RN em nomes com *gem* na raiz e *-(a)gem* no sufixo



No que respeita aos verbos, o que se observa é uma distribuição mais ou menos equânime entre os diversos contextos, como mostra o gráfico em (8).

(8) Consoante precedente na RN em verbos



Considerando o equilíbrio de aplicação nos diversos contextos fonológicos precedendo ditongos nasais em terminações verbais, não parece ser possível sustentar a tese de influência puramente fonológica nesse caso.

Assumida a constatação de que o processo evita verbos, diversos testes foram empreendidos (cf. Schwindt, Bopp da Silva e Quadros, 2012) com o objetivo de verificar se havia, então, diferença de aplicação de RN entre as diversas formas verbais flexionadas terminadas em ditongo nasal. Esses testes conseguiram mostrar maximamente alguma diferença entre o perfeito do indicativo e o imperfeito do subjuntivo, de um lado, e as demais formas verbais envolvendo ditongo nasal final, de outro. A explicação para a maior aplicação no perfeito do indicativo poderia estar no fato de que este é o único tempo em que a nasalidade não carrega sozinha a informação flexional, já que, mesmo após a redução, preserva-se parte do sufixo (a terminação *ram* em geral se

converte em *ru*, como em *cantaram ~ cantaru*); para o imperfeito do subjuntivo, todavia, a motivação não restou evidente.

Em suma, diferentemente de HV, RN sugere algum acesso à informação de caráter lexical/morfológico. Esse acesso, sobretudo, diz respeito à distinção entre categorias (rótulos) gramaticais, isto é, à distinção entre verbos e não-verbos, ou, ainda, à distinção entre palavras flexionadas e não-flexionadas. Não se encontrou, porém, evidência robusta que sustentasse acesso do fenômeno à estrutura interna da palavra propriamente dita. O reexame da terminação *gem* mostrou tratar-se de fenômeno influenciado, em especial, pela presença de uma consoante palatal precedendo o ditongo; a análise dos tempos verbais em separado, especialmente pela aplicação, ainda que apenas timidamente favorável, no imperfeito do subjuntivo, não permitiu assegurar a hipótese de preservação de morfemas constituídos de apenas um som.⁶

4. Vocalização da lateral pós-vocálica

Collischonn & Quednau (2010) observaram que o fenômeno de VL é mais frequente quando a sílaba-alvo do processo se encontra em final de palavra do que quando se encontra no meio da palavra. O processo tem também alta aplicação quando se dá na fronteira interna de um composto.

(9) Posição do segmento-alvo na VL (Collischonn & Quednau, 2010)

Fatores	PR	%	Ocorrências
Interior da palavra morfema (fatalmente)	0,39	57	263/461
Interior da palavra raiz (alguma)	0,41	60	1403/2329
Final de palavra na raiz (catedral)	0,57	57	1609/2811
Final de palavra em sufixo (razoável)	0,59	74	620/836
Fronteira interna de composto (papel higiênico)	0,73	65	112/171
Total		61	4007/6608

Esse resultado relativo à preferência pelo alvo na posição final da palavra, apesar de não referendar a hipótese de influência da morfologia sobre o fenômeno, já que não houve diferença significativa para a oposição raiz/sufixo, exige que se explique o privilégio da sílaba final sobre a medial como domínio do processo.

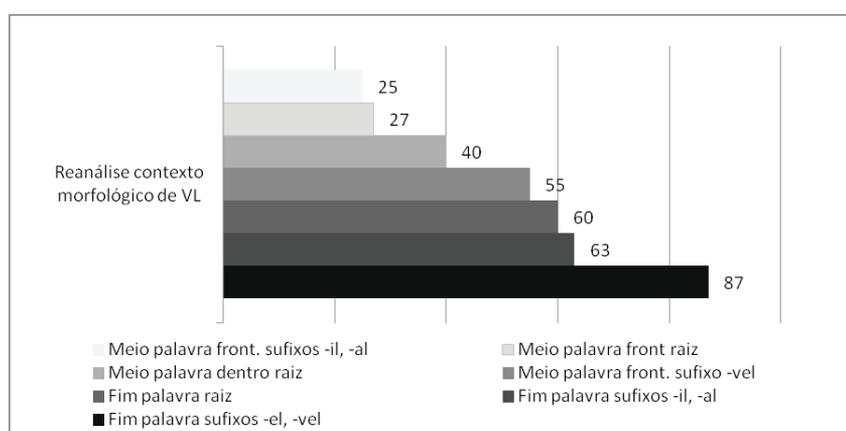
Em nosso exercício de reanálise, num primeiro momento, separamos cada um dos sufixos envolvidos no processo (*-vel, -il, -al*), a fim de verificar se algum desses morfemas tinha comportamento especial.

⁶ A ideia de que morfemas constituídos de apenas um som (ex. *m* em *come+m*) são mais preservados de apagamento do que morfemas constituídos de mais segmentos (ex. *ram* em *come+ram*) parece muito bem motivada em linguística. O acesso à morfologia, porém, que essa ‘proteção’ sugere pode ser de natureza diferente daquele em que se concebe que um processo fonológico variável *olha* para os colchetes internos da palavra (como alvo na raiz, gatilho no sufixo etc.) ou ainda daquele em que se distinguem diversos tipos de um mesmo morfema (...aplica-se mais se o gatilho for o sufixo X ou Y etc.).

Os resultados exigiram, de partida, algumas amalgamações, uma vez que alguns contextos tiveram aplicação categórica ou nenhuma aplicação do processo. Todas as combinações apontaram para o binômio *interior de palavra*, com baixa aplicação, versus *fronteira de palavra*, com alta aplicação.

Nossa conclusão é de que VL é um fenômeno do domínio da sílaba, mas que deve ser circunscrito ao contexto de fronteira de palavra fonológica. É isso que confirma, inclusive, o único resultado de *meio de palavra* com valor acima de 0,50: o do sufixo *-vel*, que, na totalidade dos dados vem seguido por *-mente*, um sufixo com possível status de palavra independente em português. Isso pode ser observado no gráfico apresentado em (10).

(10) Papel do contexto morfológico de VL reanalisado



Decidimos, ainda, cruzar este grupo com a variável *acento*, considerando que Collischonn & Quednau (2010) observaram maior aplicação do processo em sílabas pretônicas e tônicas e aplicação mais baixa em postônicas e monossílabos — estes independentemente da tonicidade.⁷ Esse resultado poderia parecer estranho, considerando a preferência de aplicação do processo na fronteira da palavra fonológica — que, em geral, coincide com uma posição postônica. O cruzamento, porém, de *acento* com *posição / tipo de afixo* mostrou grande incidência de sufixos que atraem acento — ou autoacentuados — em posição final de palavra fonológica, como *maternal*, *juvenil* — ou *maternalmente*. Formas como esta última, por sua vez, foram, como parece natural, consideradas pretônicas na análise mencionada, o que justificaria o resultado alcançado pelas autoras para esses dois padrões de acento. Se, por outro lado, admitirmos que há duas palavras fonológicas envolvidas aí (*maternal* e *mente*), preserva-se a hipótese de fronteira de palavra e explica-se a aplica-

⁷ Problematizando a expectativa de que VL se aplicasse preferencialmente em posições pouco proeminentes, como sói ocorrer em processos de natureza neogramática, Collischonn & Quednau (2010) procuram explicar a baixa aplicação em sílabas postônicas e monossílabos argumentando serem esses os contextos preferidos de apagamento, o que se sobreporia à semivocalização.

ção significativa nesse contexto. Também formas sufixadas opacas, mas que herdaram acento na posição final, como *catedral* ou *sutil*, podem receber esse tratamento.

Considerando esse ponto da reanálise, a pergunta seria: trata-se, então, de influência da morfologia nesse caso? Em nossa opinião, não. Afixos autoacentuados em geral conservam este traço fonológico independentemente de suas propriedades morfológicas ou do ‘acesso à informação morfológica propriamente dita’.

Resta explicar a baixa aplicação em monossílabos. Uma hipótese seria a de que a incidência de palavras gramaticais nessa categoria (*mal* – advérbio, *tal* – determinante, etc.) poderia frear o processo. Essa hipótese carece de investigação, contudo, já que palavras monossilábicas lexicais também estão menos sujeitas a VL. Um caminho a ser explorado é o de “minimalidade prosódica”, ou seja, talvez uma restrição que milite pela preservação de traços de palavras curtas tenha algum papel em PB.

É preciso dizer, por fim, que o resultado encontrado para compostos permite confirmar a hipótese de favorecimento do processo na borda direita da palavra fonológica, já que admitimos que cada parte do composto é uma PWD independente.

A reanálise desses dados de VL, como vimos, não licencia a hipótese de condicionamento morfológico. Não há qualquer evidência segura que permita associar o processo a classes gramaticais específicas ou mesmo a determinados tipos de morfemas. Como se afirmou, estamos convencidos de que se trata de um fenômeno silábico que tem clara preferência pela fronteira de palavras prosódicas. Essa preferência se sobrepõe, inclusive, à proeminência acentual dessa posição (no caso dos sufixos autoacentuados). Ademais, há que se registrar que VL não parece ser um fenômeno caracterizado por grande recorrência de itens lexicais, apesar da grande incidência do vocábulo *pessoal*, que ocorre em quase 50% dos contextos de final de palavra terminada em *-al*.

Conclusões e perspectivas

Em relação à pergunta inicial — *fatores morfológicos podem de fato atuar como motivadores de variação?* —, os dados até aqui analisados, permitem as considerações que seguem.

O estudo da HV não permite sustentar a hipótese de influência de fatores de natureza morfológica, já que se chegaria aos mesmos resultados, fazendo uso apenas de expedientes prosódicos (como contiguidade fonológica de alvo e gatilho e tonicidade do gatilho). Esse processo figuraria como a autêntica variação nos moldes neogramáticos e poderia ser tratado como fenômeno de fala. Por outro lado, há ainda que se explorem as diferenças entre os resultados encontrados para [e] e para [o]. Muito, porém, já se sabe, deve-se ao fato de que o par *e-ir* (ex. *pedir*) é homorgânico em relação ao avanço-recuo da língua, em oposição a *o-ir* (ex. *dormir*). Isso produz efeitos que podem sugerir, num

olhar precipitado, comportamento diferenciado do sistema verbal em relação ao fenômeno.

No que respeita à RN, a situação é um tanto diversa. Nossa reanálise sugere que o processo “enxerga” a distinção entre nomes e verbos, sustentando-se a hipótese de preservação de algum tipo de informação morfológica, ao menos morfossintática: a que diz respeito à categoria gramatical. Quanto aos colchetes morfológicos internos, contudo, não se encontraram evidências consistentes que permitissem garantir transparência de RN nesse sentido.

Sobre a VL, nossa reanálise nos leva a crer que sua principal motivação está na configuração prosódica: o processo prefere a fronteira de palavra fonológica. Esse contexto se confunde com posições mais proeminentes fonologicamente meramente por uma herança acentual, que nada tem a ver com morfologia transparente. Contudo, a preservação de palavras monossilábicas pode estar indicando que o processo tem acesso a alguma informação envolvendo morfologia. Esse ponto da análise, porém, precisa de refinamento.

Poderíamos dizer, então, que esses três fenômenos não licenciam um *sim* categórico à pergunta inicial; por outro lado, também não excluem por completo a possibilidade de algum tipo de influência morfológica em sua ocorrência. Essa constatação nos direciona para a segunda questão: existindo influência da morfologia sobre a variação fonológica, *que tipo de fator morfológico pode exercê-la?*

Essa etapa de nossa pesquisa aponta para o fator *categoria gramatical* (ou para a fronteira flexional vs não-flexional) como elemento transparente à variação fonológica. Esse resultado, salvaguardados detalhes analíticos, em muito se assemelha àquele encontrado por Guy (1981) para o apagamento de *t/d* em inglês (que se aplica menos quando essas consoantes são morfema de passado – *mised* – e se aplica consideravelmente em monomorfemas – *mist*).

No que toca aos modelos teóricos dispostos a lidar com o problema abordado nesta pesquisa, podemos por ora dizer que esses resultados são menos problemáticos para a arquitetura em (1) do que os refletidos na escala em (2). Isso porque, apesar de se esperar que colchetes morfossintáticos sejam apagados antes da interface fonológica, esses são “mais locais” do que as fronteiras internas das palavras.

Por outro lado, se assumirmos a perspectiva de Kiparsky (1988/1995), podemos admitir que um tipo de subsistema (nos termos de Labov, 1981) pode se alocar num nível muito inicial do léxico (nível 1, nos termos da LPM), caracterizando fenômenos difusionistas. Nesse caso, a motivação morfológica — e, em especial, o acesso à estrutura mais interna do vocábulo — encontraria sustentação. A questão é dizer *que fenômenos são esses*, já que nem toda variação se perfila nesses termos.

Um último aspecto que ainda precisa ser mencionado diz respeito à frequência lexical. Em outras palavras, acesso à frequência lexical pode ser considerado acesso à morfologia? Coetzee (2008), em discussão semelhante à travada aqui, defende que sim, assumindo uma perspectiva analítica baseada

em restrições. Essa questão, obviamente, depende de uma discussão maior, que foge à pretensão deste artigo, mas que é objeto de nossa investigação, qual seja, a que concerne à arquitetura de gramática: se contendo léxico (enquanto componente) ou não, e se contendo morfologia combinada diretamente ao léxico. ☒

SCHWINDT, L. C. MORPHOLOGICAL CONDITIONING IN VARIABLE PHONOLOGY

Abstract

*In this paper, we discuss a classic question in linguistics: can variable phonological processes access lexical information? Pursuing the neogrammarian hypothesis, according to which phonological rules are not subject to lexical conditioning, we revisited three quantitative studies that showed that morphological factors have influence on the phonological variation: vowel harmony (ex. *perigo* ~ *pirigo*), cf. Schwindt (1995), reduction of nasality in unstressed word-final diphthongs (ex. *viagem* ~ *viagi*), cf. Schwindt and Bopp da Silva (2010), and post-vocalic lateral vocalization (ex. *maldade* ~ *mawdade*), cf. Collischonn and Quednau (2010). Our results suggested the revision of the thesis that these processes have access to the lexical information, especially in relation to internal word structure.*

Keywords

morphology; phonology; variation; neogrammarian hypothesis; architecture of grammar

Referências bibliográficas

BATTISTI, E. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BISOL, L. *Harmonia Vocálica: Uma regra variável*. Tese de Doutorado. UFRJ, Porto Alegre, 1981.

COETZEE, A. W. Phonological variation and lexical frequency. In Anisa Schardl, Martin Walkow, & Muhammad Abdurrahman, eds. *NELS 38. Volume 1*. Amherst: GLSA, p. 189-202, 2008.

COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L. R. As laterais variáveis da região sul. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (ed.). *Português do Brasil: variação fonológica*. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 13-33, 2010.

GUY, G. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. Tese de Doutorado. Universidade da Pennsylvania, 1981.

- KIPARSKY, P. Lexical morphology and phonology. In: S. Yang (ed.). *Linguistic in the morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co. p. 3-91, 1982.
- _____. Phonological change. In: NEWMAYER, F. (ed.). *Linguistics: the Cambridge survey*. Cambridge University Press. v. 1: Linguistic theory: foundations. p. 363-415, 1988.
- _____. The phonological basis of sound change. In: GOLDSMITH, J. *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, p. 167-197, 1995.
- LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. *Language* 57. p. 267-308, 1981.
- MOHANAN, K. P. *Lexical phonology*. Doctoral dissertation, MIT, 1982.
- QUADROS, E. S.; BARBA, R. A. V. *Motivação morfológica em fenômenos fonológicos variáveis*. In: Livro de resumos/XXI Salão de Iniciação Científica da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- SCHWINDT, L. C. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1995.
- SCHWINDT, L. C.; BOPP DA SILVA, T. Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Ed.). *Português do Brasil: variação fonológica*. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 13-33, 2010.
- SCHWINDT, L. C.; BOPP DA SILVA, T.; QUADROS, E. S. O papel da morfologia na redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil. In: Seung-Hwa Lee. (Org.). *Vogais além de Belo Horizonte. Belo Horizonte*: Editora da UFMG, 2012, v. 1, p. 349-359.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola. University of Texas Press, [1968]2006.